

KILLERS OF THE FLOWER MOON / 2023

Assassinos Da Lua das Flores

um filme de **Martin Scorsese**

Realização: Martin Scorsese / **Assistentes de Realização:** Adam Somner, Jeremy Marks / **Argumento:** Eric Roth, Martin Scorsese (baseado no romance homónimo de David Grann) / **Direção de Fotografia:** Rodrigo Prieto / **Montagem:** Thelma Schoonmaker / **Som:** Jc Chiam, Steve Genewick, Karl Wingate, Tom Fleischman, Philip Stockton, John Pritchett, Marko Costanzo, Mark Ulano, Steven Visscher, George A. Lara, Tod A. Maitland / **Música:** Scott George / **Compositor:** Robbie Robertson / **Coreografia:** Michael Arnold / **Design de Produção:** Jack Fisk / **Direção de Arte:** Matthew Gatlin, Landon Lott, Jordan Crockett, Gary McMonnies, Michael Diner, Meghan McClure, Spencer Davison, Addie Roanhorse / **Efeitos Visuais:** Brian Barlettani, Kenneth Koh, Pablo Helman / **Efeitos Especiais:** Kieran L'Heureux, Rj Rankin, Roderic Duff, Anthony Greene, Robert Alidon, Jonathan L'Heureux, Brandon K. McLaughlin, Jeremy Ralstin / **Cenografia:** Adam Willis, Bryan Lane, Brian A. Waits, Ron Mason, Javed Noorullah, Sarah Forrest, Victor Pongonis, Andrew W. Bonfinger, Dani Broom-Peltz, Shane Ballou, Cierra Madison, Robert Fechtman / **Figurinos:** Jacqueline West / **Coreografia:** Michael Arnold / **Operadores de Câmara:** Stephen Oh, J. Steven Matzinger, P. Scott Sakamoto, Michael Fuchs / **Iluminação:** Aaron Bracetty, Ronnie Johnson, Ian Kincaid / **Intepertação:** Leonardo DiCaprio, Robert De Niro, Lily Gladstone, Jesse Plemons, Tantoo Cardinal, John Lithgow, Brendan Fraser, Cara Jade Myers, JaNae Collins, Jillian Dion, Jason Isbell, William Belleau, Louis Cancelmi, Scott Shepherd, Everett Waller, Tahlee Redcorn, Yancey Red Corn, Tatanka Means, Tommy Schultz, Sturgill Simpson, Ty Mitchell, Gary Basaraba, Charlie Musselwhite, Pat Healy, Steve Witting, Steve Routman, Gene Jones, Michael Abbott Jr., J.C. MacKenzie, etc.

Produção: Apple Studios, Imperative Entertainment, Sikelia Productions, Appian Way / **Produtores:** Daniel Lupi, Justine Conte, Martin Scorsese, Dan Friedkin, Bradley Thomas / **Cópia:** DCP, cor, legendado em português / **Duração:** 206 min / **Estreia:** Cannes, 20 de Maio de 2023 / **Estreia Nacional:** 19 de outubro de 2023 / Primeira apresentação na Cinemateca.

Quando a pilhagem deixa de ser um ato excecional e passa a ser uma extensão da ordem social, dá-se a institucionalização de uma prática inaceitável. **Killers of the Flower Moon** demora-se nesse processo - na construção de um contexto - durante talvez a primeira hora. E, nesse tempo, reconhecem-se os materiais de sempre, ainda em potência. Estão lá o dinheiro, a família, o crime, e homens que – espertos (De Niro) ou estúpidos (DiCaprio), pouco importa - percebem rapidamente a oportunidade. É sobre eles que é o filme: um *White Evil*. Por vezes à custa de uma representação mais complexa dos Osage.

Dou-vos já o contexto de que vos falava, porque é a partir dele que Scorsese parece procurar construir e, em certa medida, justificar a sua própria presença neste filme - quase a gritar-nos aos ouvidos: estão aqui os meus temas. Depois da descoberta de petróleo nas terras da Nação Osage, no Oklahoma, no início do século XX, os Osage tornaram-se uma das populações mais ricas do mundo. A riqueza estava, porém, sujeita a um sistema de tutela que determinava que muitos dos seus membros, considerados “incompetentes” para gerir os próprios bens, precisavam de tutores brancos. Uma das primeiras coisas que

o filme nos dá é Mollie autodeclarar-se “incompetente”, quase num ritual de humilhação, mesmo que com todo o dinheiro do mundo. É uma palavra administrativa, tratada quase como inofensiva, que os Osage parecem não levar particularmente a peito - afinal, continuam a andar nos seus carros pomposos, conduzidos por brancos -, mas que deixa desde logo claro que a sua autonomia é apenas parcial e que os mecanismos que permitem retirar-lhes a riqueza estão já plantados na própria lei.

Dinheiro só é poder para o homem branco, e talvez seja por isso que este não corrompe os Osage – que não vão muito para além de se permitirem alguns luxos e se darem a liberdade de ser “melancólicos” - como seria habitual em Scorsese. Vamos pensar que é por isso e tentar não problematizar demasiado o facto de, por vezes, o filme rondar uma visão *kitsch* da cultura Osage. E esperar que Scorsese não partilhe com o personagem de De Niro a ideia clichê de que estes são gente muito sábia e de poucas palavras - *but (literally) sick*.

Além de a riqueza não os emancipar nem proteger, tornou-os alvo de uma forma particularmente sofisticada de violência, em que o inevitável assassinato era precedido por um casamento, uma apólice de seguro ou uma procuração. Tudo feito na dissimulação, com a proteção estrutural, porque como se diz a certa altura, mais depressa alguém é condenado por um pontapé a um cão do que por matar um Osage. É uma forma de violência particularmente interessante porque não depende apenas da brutalidade dos indivíduos, mas da existência de um sistema suficientemente organizado para tornar o crime quase indistinguível da vida quotidiana. Ernest, por exemplo, ama Mollie ao mesmo tempo que a traiçoa, participa na destruição da sua família enquanto constrói com ela a vida que diz querer. É também demasiado estúpido para compreender inteiramente a dimensão daquilo em que participa - o que não o impede de beneficiar dela.

E é precisamente aqui que **Killers of the Flower Moon** começa a aproximar-se do filme de gangsters - ou, melhor dizendo, de um filme de "marca". Há a conspiração, a família, o dinheiro, os homens que se reúnem para decidir o destino dos outros. Todos eles são elementos reconhecíveis do cinema de Scorsese - e é essa recognoscibilidade que, por vezes, trabalha contra a história que o filme quer contar. Porque aquilo que torna esta narrativa particularmente interessante - o facto de uma população poder ser sistematicamente despojada da sua riqueza através de mecanismos que o próprio Estado ajudou a construir e que só acionam a proteção quando o capital fala mais alto - corre o risco de ser absorvido pela maquinaria de um filme de Scorsese.

E talvez Scorsese saiba disso. No fim, quando abandona o filme para entrar num estúdio e contar o desfecho da história que acabámos de ver com o patrocínio da Lucky Strike, há qualquer coisa de quase obsceno nesse gesto. Depois de três horas e meia a tragédia transforma-se finalmente em espetáculo: há um microfone, uma audiência, sonoplastia e um homem que nos explica o que aconteceu. É uma cena que parece reconhecer a contradição que atravessa todo o filme. Scorsese coloca-se dentro desta operação. É ele quem fecha o espetáculo. E talvez seja essa a sua forma mais honesta de aparecer em **Killers of the Flower Moon**: não como o homem que encontrou a maneira certa de contar a história dos Osage, mas como o homem que sabe que, ao contá-la, também está inevitavelmente a apropriar-se dela.

Tiago Leonardo